

### III Assembleia geral extraordinária do Sínodo dos Bispos

#### ***Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*** **(5-19 de outubro de 2014)**

## **Mensagem**

Nós, Padres Sinodais, reunidos em Roma com o Papa Francisco, na Assembleia geral extraordinária do Sínodo dos Bispos, dirigimo-nos a todas as famílias dos diversos continentes e, em especial, às que seguem a Cristo, Caminho, Verdade e Vida. Expressamos a nossa admiração e gratidão pelo testemunho diário que ofereceis a nós e ao mundo com a vossa fidelidade, a vossa fé, esperança e amor.

Também nós, pastores da Igreja, nascemos e crescemos numa família com as mais diversas histórias e vicissitudes. Como sacerdotes e bispos, encontrámos e vivemos junto de famílias que nos narraram em palavras e nos mostraram em atos uma longa série de esplendores, mas também de fadigas.

A própria preparação desta assembleia sinodal, a partir das respostas ao questionário enviado às Igrejas de todo o mundo, permitiu-nos escutar a voz de tantas experiências familiares. O nosso diálogo, nos dias do Sínodo, enriqueceu-nos mutuamente, ajudando-nos a olhar para toda a realidade viva e complexa, na qual as famílias vivem.

Apresentamo-vos as palavras de Cristo: «Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo» (Ap 3,20). Como costumava fazer durante os seus caminhos ao longo das estradas da Terra Santa, entrando nas casas das aldeias, Jesus continua a passar, ainda hoje, nas ruas das nossas cidades. Nas vossas casas, experimentam-se luzes e sombras, desafios apaixonantes, mas, por vezes, também provas dramáticas. A escuridão é ainda mais densa até tornar-se treva, quando se insinuam no próprio coração da família o mal e o pecado.

Há, antes de mais, o grande desafio da fidelidade no amor conjugal. O enfraquecimento da fé e dos valores, o individualismo, o empobrecimento dos relacionamentos, o *stress* de um frenesim que ignora a reflexão marcam também a vida familiar. Assistimos, assim, a não poucas crises matrimoniais, enfrentadas muitas vezes de forma sumária e sem a coragem da paciência, da avaliação, do perdão mútuo, da reconciliação e até mesmo do sacrifício. Os fracassos dão, assim, origem a novos relacionamentos, novos casais, novas uniões e novos matrimónios, criando situações familiares complexas e problemáticas para a opção cristã.

Entre estes desafios, queremos também mencionar a fadiga da própria existência. Pensamos no sofrimento que pode aparecer por uma criança com deficiência, uma doença grave, a deterioração neurológica no envelhecimento, a morte de um ente querido. É admirável a fidelidade generosa de muitas famílias, que vivem estas provas com coragem, fé e amor, não as considerando como algo que é roubado ou infligido, mas como algo que lhes é dado, e que eles dão, vendo Cristo sofredor naquelas carnes doentes.

Pensamos nas dificuldades económicas, causadas por sistemas perversos, pelo «fetichismo do dinheiro e da ditadura da economia sem rosto e sem um fim verdadeiramente humano» (*Evangelii gaudium*, 55), que humilha a dignidade das pessoas. Pensamos no pai ou na mãe, desempregados, impotentes face às necessidades primordiais das suas famílias, e nos jovens, que são confrontados com dias vazios e sem esperança, e que podem tornar-se presa dos desvios na droga ou na criminalidade.

Pensamos, igualmente, na multidão de famílias pobres, nas que se agarram a uma barca para chegar a uma meta de sobrevivência, nas famílias de refugiados, que migram sem esperança nos desertos, nas que são perseguidas simplesmente por causa da sua fé e dos seus valores espirituais e humanos, nas afetadas pela brutalidade da guerra e das opressões. Pensamos também nas mulheres que sofrem violência e são sujeitas à exploração, no tráfico de pessoas, nas crianças e adolescentes vítimas de abusos por parte mesmo daqueles que deviam protegê-los e fazê-los crescer em confiança, e nos membros de muitas famílias humilhadas e em dificuldade. «A cultura do bem-estar anestesia-nos e [...] todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma» (*Evangelii gaudium*, 54). Apelamos aos governos e organizações internacionais para que promovam os direitos da família para o bem comum.

Cristo quis que a sua Igreja fosse uma casa com a porta sempre aberta para o acolhimento, sem excluir ninguém. Estamos, por isso, muito gratos aos pastores, fiéis e comunidades, prontos a acompanhar e cuidar das lacerações internas e sociais dos casais e das famílias.

\* \* \*

Há, no entanto, também a luz que brilha à noite por detrás das janelas das casas da cidade, nas modestas residências das periferias ou nas aldeias e até mesmo nas cabanas: esta luz brilha e aquece corpos e almas. Esta luz, na história nupcial dos cônjuges, acende-se com o encontro: é um dom, uma graça que se expressa – como diz o livro do *Génese* (2,18) – quando os dois rostos estão um "diante" do outro, numa "ajuda correspondente", ou seja, igual e mútua. O amor do homem e da mulher ensina-nos que cada um dos dois precisa do outro para ser ele mesmo, mantendo-se diferente do outro na sua identidade, que se abre e se revela no dom recíproco. É o que exprime de uma forma sugestiva a mulher do Cântico dos Cânticos: «O meu amado é meu e eu sou dele... Eu sou do meu amado e o meu amado é meu» (*Ct* 2,16; 6,3).

O itinerário, para que este encontro seja autêntico, começa com o tempo do namoro, tempo da espera e da preparação. Realiza-se em plenitude no sacramento, em que Deus coloca o seu selo, a sua presença e a sua graça. Este caminho conhece também a sexualidade, a ternura, a beleza, que se mantêm para além do vigor e da frescura da juventude. O amor tende, por sua natureza, a ser para sempre, até ao ponto de dar a vida pela pessoa que se ama (cf. *Jo* 15,13). Nesta luz, o amor conjugal, exclusivo e indissolúvel, persiste, apesar das muitas dificuldades do limite humano; é um dos mais belos milagres, embora também seja o mais comum.

Este amor difunde-se através da fecundidade e do gerar, que não é só procriação, mas também dom da vida divina no batismo, educação e catequese dos filhos. É também capacidade de oferecer vida, afeto, valores, uma experiência possível também para quem

não pôde gerar. As famílias que vivem esta aventura luminosa tornam-se um testemunho para todos, especialmente para os jovens.

Durante este caminho, que às vezes é um trilho de montanha, com fadigas e quedas, tem-se sempre a presença e o acompanhamento de Deus. A família experimenta-o no afeto e no diálogo entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs. Depois, vive-o na escuta conjunta da Palavra de Deus e na oração em comum, um pequeno oásis do espírito, a criar, cada dia, por alguns instantes. Há, portanto, um compromisso diário com a educação à fé e à vida boa e bela do Evangelho, à santidade. Esta tarefa é muitas vezes partilhada e exercida com muito carinho e dedicação até pelos avôs e avós. Assim, a família apresenta-se como uma autêntica Igreja doméstica, que se alarga à família das famílias, que é a comunidade eclesial. Os cônjuges cristãos são, pois, chamados a tornarem-se mestres na fé e no amor também para os jovens casais.

Depois, há outra expressão da comunhão fraterna, que é a da caridade, do dom, da proximidade com os últimos, os marginalizados, os pobres, as pessoas solitárias, doentes, estrangeiras, as outras famílias em crise, conscientes da palavra do Senhor: «Há mais felicidade em dar do que em receber» (At 20,35). É um dom de bens, de companhia, de amor e de misericórdia, bem como um testemunho de verdade, de luz, de sentido da vida.

O vértice que congrega e resume todos os laços da comunhão com Deus e com o próximo é a Eucaristia dominical, quando, com toda a Igreja, a família se senta à mesa com o Senhor. Ele dá-se a todos nós, peregrinos na história em direção à meta final do último encontro, quando «Cristo será tudo em todos» (Col 3,11). Por isso, na primeira etapa do nosso caminho sinodal, refletimos sobre o acompanhamento pastoral e sobre o acesso aos sacramentos dos divorciados recasados.

Nós, Padres Sinodais, pedimo-vos que caminheis connosco até ao próximo Sínodo. Sobre vós paira a presença da família de Jesus, Maria e José na sua modesta casa. Também nós, unindo-nos à Família de Nazaré, elevamos ao Pai de todos a nossa invocação pelas famílias da terra:

*Pai, concedei a todas as famílias a presença de esposos fortes e sábios,  
que sejam nascente de uma família livre e unida.*

*Pai, concedei aos pais ter uma casa,  
onde possam viver em paz com a sua família.*

*Pai, concedei às crianças serem sinal de confiança e de esperança  
e aos jovens a coragem do compromisso estável e fiel.*

*Pai, concedei a todos o dom de poder ganhar o pão com as próprias mãos,  
de saborear a serenidade de espírito e de manter viva a chama da fé,  
mesmo no tempo de escuridão.*

*Pai, concedei a todos nós que possamos ver florescer  
uma Igreja cada vez mais fiel e credível,  
uma cidade justa e humana,  
um mundo que ame a verdade, a justiça e a misericórdia.*

Roma, 18 de outubro de 2014

[tradução a cargo do Secretariado Geral da CEP]